

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
INSTITUTO VILLA-LOBOS
LICENCIATURA EM MÚSICA**

MÚSICA NA INFÂNCIA: BENEFÍCIOS E CONTRIBUIÇÕES

CARLOS HENRIQUE GALDINO MADUREIRA

RIO DE JANEIRO, 2016

MÚSICA NA INFÂNCIA: BENEFÍCIOS E CONTRIBUIÇÕES

por

CARLOS HENRIQUE GALDINO MADUREIRA

Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Música do Instituto Villa-Lobos do Centro de Letras e Artes da UNIRIO, como requisito parcial para a obtenção do título de graduação, sob a orientação da Prof. Dra. Maria Ângela Monteiro Corrêa.

Rio de Janeiro, 2016

MADUREIRA, Carlos Henrique Galdino. *Música na infância: benefícios e contribuições*. 2016 Monografia (Licenciatura em Música) – Curso de Licenciatura em

Música. Instituto Villa-Lobos, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Resumo

A aprendizagem de música na primeira infância e o desenvolvimento infantil é um tema que tem requerido a atenção de muitos estudiosos na última década. Considerando as áreas motora, cognitiva, intelectual, social e emocional, o objetivo principal deste estudo é compreender quais são as relações entre a música e o processo de desenvolvimento, considerando suas implicações na infância, à luz das neurociências, com vistas a se obter maiores benefícios com a aprendizagem de música. A metodologia utilizada neste trabalho foi uma pesquisa exploratória bibliográfica, com abordagem qualitativa, realizada por meio de leitura, análise de textos dos autores Beatriz S. Ilari (2002), Júlia M. Hummes (2004), Cláudia Davis (2000), Paulo Estevão Andrade e, ainda Muszkat, Correia, Campos (2000), Relvas (2010) entre outros estudiosos que apresentem relevância na fundamentação teórica para o entendimento das abordagens do tema proposto. Dentre os resultados obtidos nos estudos, pode-se concluir que é notável a influência positiva da música no processo de desenvolvimento infantil, principalmente na primeira infância. Seus benefícios se dão desde o estímulo às funções cerebrais, de reorganização do cérebro em função de estudos musicais, aumento da plasticidade neuronal, além de aquisições em áreas específicas do cérebro. Assim, na medida em que tais estudos avançam e a área educacional se apropria desses conhecimentos, maiores serão os benefícios ao processo de desenvolvimento infantil por meio do ensino de música.

Palavras- chave: Desenvolvimento Infantil, Música, Neurociências

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a DEUS pela sua bondade e fidelidade em minha vida pois sei que ELE me proporcionou a oportunidade de vivenciar essa experiência incomparável de aprendizado e de crescimento profissional e pessoal que mudou a minha vida.

Agradeço também a querida professora Maria Ângela M. Corrêa minha orientadora nesse trabalho, pela paciência, pelos ensinamentos, pelo apoio e dedicação,

pelas ideias, por acreditar nesse projeto e sempre trazer uma palavra de incentivo e ânimo mesmo antes do início das pesquisas.

Aos professores que participaram da minha caminhada durante os quatro anos de caminhada para alcançar a graduação, com os quais eu aprendi muito sobre música, e sobre o que é ser um professor de música. Neste contexto não posso deixar de citar a professora Lúcia Barrenechea que muito me ensinou sobre a docência simplesmente sendo minha professora de piano.

Ao meu amigo, Pastor Edilson Carvalho que foi a primeira pessoa a me orientar a estudar música ainda na minha adolescência na igreja onde iniciei meus estudos na música.

Aos amigos, quase irmãos, que fazem parte da minha vida e que sempre estão por perto me apoiando. Também agradeço aqueles irmãos de faculdade que estiveram juntos comigo durante essa trajetória de lutas e conquistas, sempre estudando juntos demonstrando que a parceria que é importante nos momentos bons mas também nos momentos difíceis da caminhada.

Agradeço e dedico esse trabalho como também esse momento a minha esposa Ana Paula e ao meu filho Érick Gabriel, pela compreensão em relação a minha ausência tantas vezes e algumas privações por conta dos estudos. Agradeço por serem meu apoio em todos os momentos bons ou ruins por sempre me ajudarem e me darem a força necessária para continuar a caminhada e não desistir do sonho de concluir a minha graduação, na área que eu escolhi, que é a música.

A minha mãe dona Júlia pelas orações em meu favor, a minha prima Luciana Oliveira pelas dicas para esse trabalho, aos meus irmãos e familiares em geral por quem tenho muito carinho e sei estão sempre em oração pela minha vida e que torcem por mim. Enfim, muito obrigado a todos do fundo do meu coração!

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
Capítulo I- Princípios do Desenvolvimento Infantil.....	8
1.1- O Desenvolvimento Motor e a Fala na Infância.....	11
1.2- O Desenvolvimento Cognitivo, Afetivo e Social na Infância.....	16
Capítulo II- A Música no Contexto Cultural e Social Infantil.....	23
2.1- A Música no Cotidiano da Criança.....	26
2.2- A Música na Escola.....	30
Capítulo III- Música e Neurociência.....	34
3.1- Benefícios e Contribuições da Música no Desenvolvimento Cerebral.....	37
3.2- Novas Descobertas nos Estudos Neurocientíficos e a Música.....	40
Considerações Finais.....	44
Referências	46

INTRODUÇÃO

Ao iniciar minha graduação em Licenciatura em Música no ano de 2013, em meio aos estudos acadêmicos surgiram alguns questionamentos sobre a influência da música no desenvolvimento durante a primeira infância e os temas relacionados a esta área de interesse, assim como os questionamentos pertinentes a essa temática me motivaram a buscar respostas para os possíveis benefícios que o ensino de música ou o estímulo por meio da música podem proporcionar à criança durante esse período da vida. Repensando sobre a minha própria infância e lembrando que nessa fase não estudei música e nem fui estimulado por meio da música para ganhos no desenvolvimento, me surgiram dúvidas sobre o quanto isso poderia ter sido positivo para meu desenvolvimento na infância e também posteriormente.

Hoje, já adulto e músico, busco respostas que me deem respaldo como professor de música no exercício da docência, para a formulação de atividades musicais em sala de aula que estimulem positivamente o máximo de áreas de desenvolvimento da criança, utilizando a música não apenas como disciplina em si, como cultura e saber necessário para qualquer cidadão ou com o intuito de formar músicos, mas também, como meio para alcançar benefícios em diferentes áreas durante o desenvolvimento da criança. Partindo dessas questões iniciei investigações mais detalhadas sobre os principais aspectos no desenvolvimento infantil, durante primeira infância, na faixa etária desde o nascimento até os seis anos de idade, período em constante evolução e desenvolvimento motor, cognitivo, intelectual, afetivo e social da criança.

Este trabalho, portanto, pretende conhecer e entender melhor qual a relação entre a música na vida infantil e a obtenção de benefícios no desenvolvimento global da criança. E além disso com relação aos aspectos culturais e sociais, quais são os ganhos que o ensino da música pode proporcionar a criança quando a mesma inicia os estudos e atividades musicais desde pequeno em casa com o incentivo dos pais e, na escola, por meio do educador que trabalha a música com intenção de proporcionar ganhos que música possa trazer de maneira geral na vida da criança.

Este estudo também procura verificar os trabalhos mais recentes publicados na área de psicologia e neurociência, que envolvem a música e desenvolvimento cerebral e a ação no cérebro de pessoas que estudam música, e pessoas que não praticam atividades musicais, na busca de se encontrar respostas para as dúvidas que permeiam esse tema.

Essas pesquisas foram utilizadas como caminho para levar a reflexões sobre esse tema, pois percebo que somente a “observação” de crianças durante a fase de desenvolvimento, sem o conhecimento prévio da vida social e escolar da mesma e sem o conhecimento sobre os processos de desenvolvimento na infância, não fica claro se há diferença entre o desenvolvimento da criança que estuda música ou é estimulado por música e da criança que não estuda música e nem tem nenhum estímulo por meio dela.

Considerando as áreas motora, cognitiva, intelectual, social e emocional, o objetivo principal deste trabalho é pesquisar para compreender melhor quais são as relações entre a música e o processo de desenvolvimento, considerando suas implicações na infância, à luz das neurociências, com vistas a se obter maiores benefícios com a aprendizagem de música.

A metodologia utilizada neste trabalho foi uma pesquisa exploratória bibliográfica, com abordagem qualitativa, realizada por meio de leitura, análise de textos dos autores que apresentem relevância no embasamento e fundamentação teórica para o entendimento das abordagens do tema proposto.

Este trabalho está estruturado em três capítulos em que se procurou entender como se dá a relação música com o desenvolvimento infantil. O primeiro capítulo trata dos principais aspectos do desenvolvimento infantil e como a música pode ser usada a seu favor.

O segundo capítulo aborda a presença da música no cotidiano de todo ser humano que vive em sociedade e como a música pode ajudar na relação da criança com a cultura e meio social, a partir do contato com ela, desde pequena em casa e também na pré-escola ou em instituições sociais.

O terceiro capítulo trata sobre os estudos sobre a música e a neurociência com dados obtidos em estudos sobre o desenvolvimento e a atividade cerebral quando estimulado pela música.

Capítulo I

PRINCÍPIOS DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Para se estudar o desenvolvimento das crianças, deve-se começar com um entendimento da unidade dialética entre duas linhas radicalmente diferentes: a biológica e a cultural. Para adequadamente estudar tal processo, é preciso conhecer estes dois e as leis que governam seu entrelaçamento a cada estágio de desenvolvimento infantil (VYGOTSKY, 1978 citado por DAVIS 2000, p. 19).

Quando tratamos de desenvolvimento infantil automaticamente também se está levando em consideração os aspectos peculiares inerentes a cada fase da vida infantil do ser humano e também, de cada momento da infância que, desde o nascimento, apresenta características diferenciadas em relação as variadas áreas que compõem complexo conjunto de funcionamento físico, mental e emocional.

No campo de pesquisas sobre o desenvolvimento infantil muitos foram as grandes descobertas sobre questões relevantes em relação ao desenvolvimento na infância, realizadas por brilhantes teóricos e pesquisadores, como Piaget e Vygotsky. Entre várias descobertas a influência da música no cérebro em desenvolvimento que tem despertado a atenção e o interesse de pesquisadores desde o final do século passado. Atualmente esse tema também é foco de atenção de profissionais da área da educação, o que tem fomentado estudos avançados assim como debates em número cada vez maior sobre os supostos benefícios da atividade musical desde a infância. Neste contexto, a música que faz parte da vida de todos nós, inclusive da criança merece uma investigação criteriosa como fator benéfico ao desenvolvimento.

Música pode ser entendida sob linhas de pensamento tão distintas quanto a filosofia, a matemática, a antropologia, a psicologia, e a neurociência. Todas essas linhas distintas não são necessariamente, conflitantes, e hoje todas podem convergir harmonicamente na neurociência cognitiva, que procura estudar nossos comportamentos cognitivos e emocionais a partir de uma visão neurobiológica e evolucionária (ANDRADE, 2004, p. 22).

Curiosamente menciona Ilari (2002) “[...] os bebês não são passivos aos sons do ambiente acústico uterino; muito pelo contrário, os mesmos estão muito atentos ao ambiente sonoro, aprendendo sons diversos, de música e de linguagem” (p. 84).

Teóricos da Psicologia do Desenvolvimento tem se debruçado ao estudo da evolução físico-motora, intelectual, afetiva-emocional e social do ser humano e, sem desprezar nenhum aspecto, traz à tona questões importantes sobre como o homem se desenvolve quanto aos aspectos genéticos e ambientais.

O ser humano, nestes últimos dois séculos, tem se questionado sobre o seu comportamento, as suas conquistas e limitações, o papel da consciência e do inconsciente no aspecto da subjetividade, e sobre o que do seu funcionamento é inato ou empírico, de que forma o ambiente e a genética podem influenciar a sua maneira de pensar, sentir e agir (SANTOS, XAVIER, e NUNES, 2009, p. 21).

O desenvolvimento infantil tem sido pesquisado em detalhes e, pela sua complexidade, as pesquisas trazem a cada novo estudo, novas descobertas e, algumas vezes ambiguidades sobre variados aspectos no processo de evolução, mudança e crescimento do ser humano.

De acordo com Santos, Xavier e Nunes (2009), o desenvolvimento se configura como um processo contínuo durante toda sua trajetória de vida. Desde a concepção e nos primeiros anos de vida, mais precisamente nas fases da primeira e segunda infância existem fatores muito importantes que estão ligados ao processo de evolução, mudança, e crescimento que etimologicamente significa desenvolvimento.

Esses fatores são de ordem genética, biológica e de interação com o ambiente. Há linhas de pesquisas distintas para cada um desses fatores e, sendo assim, é preciso entender que para se buscar uma melhora das condições de vida e de relacionamento do ser humano, é preciso ter o olhar voltado para a infância sabendo-se que muitas questões de ordem física, emocional, intelectual, psicológica e comportamental têm a sua origem a partir da concepção e, principalmente nos primeiros anos de vida.

Um aspecto que parece ser relevante para o pesquisador da área do desenvolvimento motor, na escolha das etapas iniciais da vida para testar suas hipóteses, é o fato de que os momentos críticos do processo de desenvolvimento são mais facilmente detectáveis durante a infância (SANTOS, DANTAS e OLIVEIRA 2004, p. 33).

Desta forma, em relação às atitudes que podem ser tomadas em busca de benefícios para o processo de desenvolvimento global de um indivíduo, fica claro que se deva buscar formas de se estimular ou, se for caso, tratar de maneira a proporcionar melhorias na qualidade de vida não apenas para a infância, mas também em momentos aquelas que podem refletir em ganhos durante toda a vida. Estudos comprovam que existem fatores genéticos que podem influenciar no desenvolvimento, porém também é comprovado por estudos que a interação ambiental e social, assim como os estímulos externos podem e devem ser utilizados para contribuir no desenvolvimento das áreas físico-motora, intelectual, afetiva-emocional e social.

De acordo com Santos, Xavier e Nunes (2009), surgem controvérsias em Psicologia do Desenvolvimento que são fruto da própria pluralidade da Psicologia, e advindas também das correntes teóricas que a definem como ciência.

Ao tratarmos de desenvolvimento na infância é preciso uma atenção maior em relação as teorias apresentadas por cada corrente teórica, de forma a buscar uma melhor compreensão das questões apresentadas e um olhar plural sem desprezar questões relevantes levantadas por cada corrente de estudo, levando-se em conta que, o intuito

deve ser de aproveitar todo conhecimento disponível que possa ser utilizado a favor do desenvolvimento.

Para os autores acima citados uma das controvérsias em Psicologia do Desenvolvimento refere-se às fontes do desenvolvimento: natureza versus ambiente e cultura desenvolvimento e está relacionada a posições dicotômicas entre as pesquisas que confirmam a natureza: predisposições herdadas, como o agente das mudanças comportamentais, e outro segmento que faz afirmações que a cultura e as relações com o ambiente são a base das transformações humanas ao longo do tempo.

Independente das ambiguidades e controvérsias existentes, geradas por cada teoria, existem dados que podemos abordar com base em estudos, para entender melhor cada área do desenvolvimento infantil, na primeira e segunda infância. Essas fases de acordo com Santos, Xavier, e Nunes (2009), apesar de não haver um consenso os desenvolvimentistas convencionalmente dividem respectivamente de (0-3 anos) primeira infância e (3-6 anos) para a segunda infância.

1.1 O Desenvolvimento motor e a fala na infância

Existem algumas definições que caracterizam o que é desenvolvimento motor, dentre elas que:

O desenvolvimento motor na infância caracteriza-se pela aquisição de um amplo espectro de habilidades motoras, que possibilita a criança um amplo domínio do seu corpo em diferentes posturas (estáticas e dinâmicas), locomover-se pelo meio ambiente de variadas formas (andar, correr, saltar, etc.) e manipular objetos e instrumentos diversos (receber uma bola, arremessar uma pedra, chutar, escrever, etc.). (SANTOS, DANTAS e OLIVEIRA, 2004, p. 33).

Atividades musicais como dedilhar as cordas de um violão, soprar o tubo de uma flauta, pressionar as teclas de um piano ou até mesmo cantar, sem dúvida poderiam se encaixar, como possíveis atividades que envolvem o espectro de habilidades motoras adquiridas pela criança.

Outra definição de desenvolvimento motor se entende de acordo com Gallahue, Ozmun, e Goodway (2013) “O desenvolvimento motor é a mudança continua do comportamento motor ao longo do ciclo da vida, provocada pela interação entre exigências da tarefa motora, a biologia do indivíduo e as condições do ambiente” (p. 21).

Então que o desenvolvimento motor é um processo contínuo que vai acontecer durante toda a vida do indivíduo, porém na infância é o período em que esse processo tem maior impacto, por ser o período em que o corpo está em constante evolução.

Sendo assim, podem ser muitas as contribuições para um bom desenvolvimento motor por meio de cuidados e atividades propostas por profissionais que pesquisam e trabalham a área do desenvolvimento infantil.

Normalmente no entender de pessoas que não fazem parte da comunidade científica ou pedagógica, quando se pensa em desenvolvimento motor não raro encontrarmos aqueles que relacionam unicamente às atividades esportivas porém, é preciso ter conhecimento também sobre as possibilidades da existência de outros caminhos que podem ajudar e muito na evolução da área motora na infância.

A música é uma das maneiras lúdica e divertida que pode e deve ser trabalhada na escola com os pequenos, a fascinação que a música exerce sobre a criança é visível, basta tocar um CD infantil, para que desperte nelas a alegria e a vontade de dançar, de cantar, desenvolvendo sua capacidade corporal, expandindo seus movimentos, percebendo seu espaço, sua delimitação, a percepção de si mesma e dos colegas (FERREIRA e RUBIO 2012, p. 7).

Na etapa sensório-motora, segundo a teoria piagetiana que abrange aproximadamente a faixa etária desde o nascimento até os dois anos de idade, a criança tende a se basear em percepções sensoriais e em esquemas motores para interagir, isso significa pegar um objeto qualquer, balançar um chocalho, lançar um brinquedo para longe do local em que está brincando, entre outros. A psicomotricidade tem contribuído muito nos avanços em relação aos estudos da área motora auxiliando na relação corpo e movimento. “A psicomotricidade é uma área da ciência que traz contribuição e auxilia na estruturação corporal da criança. Os benefícios atingem outras áreas do desenvolvimento infantil que beneficiam o indivíduo num todo” (FERREIRA e RUBIO 2012, p. 1).

Por meio da psicomotricidade os aspectos que envolvem os movimentos do ser humano ainda nos primeiros meses de formação no útero materno ganham visibilidade e grande importância para estudos que atuam na educação e reeducação dos movimentos da criança. Durante a etapa sensório-motora ou seja, nos dois primeiros anos de vida, a criança vai construindo e adquirindo importantes noções, muitas delas associadas e influenciadas pela socialização pois, desde o nascimento, todo ser humano tem a necessidade de interagir com o meio ainda que de maneira instintiva, para resolver os seus problemas como demonstrar uma dor, fome ou um incômodo qualquer e quando a comunicação não é feita pela linguagem, a melhor maneira de se comunicar

é fazer uso dos movimentos corporais os movimentos corporais são a melhor maneira de se comunicar.

De acordo com Davis e Oliveira (2000) “Dentre as principais aquisições do período sensório motor, destaca-se a construção da noção de ‘eu’, através da qual a criança diferencia o mundo externo do seu próprio corpo” (p. 40). Outros autores e pesquisadores corroboram com detalhes relevantes sobre esse período. Neste sentido entende-se que:

As crianças têm um instrumento de total importância para comunicar-se com os adultos, esse instrumento é o corpo, pois é através dele com seus movimentos, gestos e expressões faciais que elas estabelecem sua comunicação, interagindo com o adulto sua forma de linguagem (FERREIRA e RUBIO, 2012, p. 5).

O desenvolvimento psicomotor é integrado por vários processos, isso faz com que os estudos se tornem mais complexos além do que, é preciso se destacar o fato de que todos os fenômenos que estão presentes no desenvolvimento motor são inseparáveis. Existem alguns elementos que são considerados como elementos básicos pela psicomotricidade, como: o esquema corporal, a lateralidade, a estruturação espacial, a orientação temporal e a pré-escrita (FERREIRA e RUBIO, 2012, p. 6).

Cada um desses elementos é responsável por demandas diferenciadas que envolvem o desenvolvimento motor, resumidamente podemos dizer que lateralidade está relacionada com o conhecimento da dominância de um lado do corpo, e especialmente das potencialidades dos lados direito e esquerdo envolvendo força, precisão e agilidade. Nesse contexto, a música integrada na vida da criança durante o período pré-escolar se revela como uma atividade muito importante levando-se em conta que música envolve ritmo, movimentos corporais como a dança que está normalmente ligada às atividades musicais, usando-se os movimentos de praticamente todas as partes do corpo que trabalha o equilíbrio, a brincadeira com instrumentos de percussão como tambores como meio para estimular a criança à usar a movimentação corporal e a força para tocar.

A orientação espacial tem como principal característica a tomada de consciência da criança em relação ao seu espaço, o que está ao seu redor usando seu corpo referência. A orientação temporal diz respeito a como a criança trata as noções de tempo diferentemente do indivíduo adulto.

Na fase da pré-escrita em particular, destaca-se o fato de a criança começar a adquirir mais precisão nos movimentos e uma certa independência motora. Essa fase está muito ligada a tarefas manuais como segurar um lápis utilizando os dedos polegar, indicador, e médio e começar a treinar a precisão e memorização ao tentar desenhar coisas que estão ao seu redor ou fazem parte do seu cotidiano, que requerem mais atenção e concentração. A pré-escrita é a fase em que a criança desenvolve sua motricidade fina quando já é capaz de escrever basicamente algumas letras.

Como mencionado anteriormente, é bastante abrangente a quantidade de aspectos que envolvem o desenvolvimento motor e não se pode separar os processos. Em suma o que se busca com os estudos por meio da ciência são respostas para essas questões, no intuito de orientar melhor os pais e profissionais que lidam com crianças desde os seus primeiros anos de vida como os educadores e médicos da área da pediatria sobre como interagir com a criança e estimular a criança para um melhor desenvolvimento integral evitando-se que a criança deixe de desenvolver alguma área que integra o seu desenvolvimento.

A música como elemento que sempre se fez presente na vida de qualquer ser humano, em todos os continentes, desde a antiguidade e está inserida no cotidiano de toda sociedade, deve ser vista e utilizada em todas as potencialidades e possibilidades como meio para estimular o desenvolvimento motor assim também como todas as outras áreas do desenvolvimento da criança.

Esses estímulos musicais devem se dar de maneira lúdica e natural de forma que a criança esteja sendo estimulada, tratada, e educada naturalmente com a utilização das brincadeiras que envolvem cantigas com movimentos rítmicos, com letras educativas e alegres, danças livres de padrões estéticos porém que revelem, para a própria criança, suas capacidades e revele também aos pais e profissionais da educação e medicina, quais são as capacidades do seu filho e paciente e possíveis problemas no desenvolvimento da criança devem ser tratados à tempo de evitar maiores complicações ou prejuízos no desenvolvimento da mesma.

Segundo Brito (2003), citado por Ferreira e Rubio (2012), “Todo trabalho desenvolvido na educação psicomotora deve buscar a brincadeira musical, aproveitando que existe uma identificação natural da criança com a música. A atividade muito ligada à descoberta e à criatividade” (p. 8).

A relação entre fala e música abrange um vasto campo de estudos na área de neuropsicologia cognitiva, as pesquisas avançam buscando similaridades e diferenças entre o processamento da fala e da música no cérebro já que tanto a música como a fala utilizam material sonoro. Neste sentido, entende-se que:

Tanto na música quanto na linguagem valem-se da manipulação dos diferentes parâmetros do som para sua organização sonora, além de compartilharem a necessidade de uma organização hierárquica para a fala, utiliza-se grande variação de timbres em um curto espaço de tempo, formando-se vogais e consoantes. Na música, há maior variação de alturas e a duração de cada som é maior do que na fala. Ao mesmo tempo, as variações de duração desempenham papel mais importante do que na fala, tendo que ser realizadas de maneira precisa (ROCHA e BOGGIO, 2013, p. 140).

Porém, independentemente de algumas diferenças entre música e fala, existe também similaridades um exemplo disso é que todo material sonoro é recebido e analisado no mesmo órgão, sabe-se que os sinais acústicos da fala e da música são analisados na cóclea o órgão sensorial da audição.

Em relação a fala, a partir do segundo ano de idade a capacidade de falar normalmente se desenvolve naturalmente e com muita rapidez e facilidade o que possibilita a criança não depender só do caráter instintivo da percepção e iniciar a comunicação de maneira mais ampla constituindo assim um caráter social. Segundo estudos piagetianos a linguagem transporta a criança do polo do pensamento individual para o polo do sistema de pensamento coletivo.

Nesse momento a criança precisa ter vontade e intenção de se comunicar verbalmente com o meio social que a cerca, para que a fala começa a se desenvolver progressivamente e os pais devem incentivar a criança a pronunciar as palavras com estímulos que sejam interessantes para o universo infantil. Neste sentido a música é uma ótima ferramenta pelo fato de ela fazer parte da vida infantil desde as canções de ninar e outros tipos de músicas comuns no cotidiano em família, que trazem em si o significado de prazer ao ouvir, vocalizar sons (cantarolar) e dançar, mesmo sem ainda saber falar.

Essas informações referentes a linguagem colocam a música como objeto de estudo na perspectiva de se encontrar ligações entre o desenvolvimento linguístico e a presença da música na infância como elemento de estímulo. Pesquisas e estudos científicos revelam que, por meio de canções, a criança melhora potencialmente a pronúncia, a percepção auditiva em relação ao estudo e a comparação de diferentes sons

e, conseqüentemente, desencadeia-se um melhor desenvolvimento da oralidade. Mas ainda há aspectos sobre a fala que devem ser melhor entendidos e, estudos estão sendo desenvolvidos a fim de se encontrar mais informações a respeito do desenvolvimento da fala relacionado a atividade musical na infância.

1.2 Desenvolvimento cognitivo afetivo e social na infância

Toda criança desde o seu nascimento ao iniciar seu ciclo de vida já apresenta características que evidenciam que a cognição e a afetividade já se manifestam desde esse período, “O termo ‘cognição’ possui um significado bastante amplo, mas de maneira geral, refere-se àquelas condições que propiciam a aquisição de conhecimentos” (DAVIS, 1981-1982, p. 87). Em relação a área afetiva é preciso também se ter um entendimento da sua importância dentro do processo de desenvolvimento.

De acordo com Silva J (2008) a afetividade está ligada à função psíquica do indivíduo e para entender e educar o ser humano não se pode desprezar a importância dos afetos. Trata-se de um elemento relevante e que tem importância na constituição da pessoa. Os estudos comprovam que a criança de zero a seis anos de idade estão em pleno desenvolvimento tanto na área cognitiva quanto na área afetiva e em fase de construção das estruturas emocionais da personalidade e da inteligência.

Para Davis e Oliveira (2000), “afeto e cognição constituem aspectos inseparáveis, presentes em qualquer atividade embora em proporções variáveis. A afetividade e a inteligência se estruturam nas ações e pelas ações dos indivíduos” (p. 84). Nesse sentido o alerta é que os cuidados, os estímulos, e a interação do adulto com criança e da criança com o adulto e com o ambiente se deem de maneira propícia com o objetivo de que não haja prejuízos no desenvolvimento da criança. “Condições de incentivo e variáveis de reforçamento são os principais determinantes das escolhas individuais a respeito de qual comportamento será adotado dentre todos os potencialmente acessíveis ao sujeito” (DAVIS, 1981-1982, p. 89).

A primeira infância se mostra então, uma fase muito importante a ser observada e pesquisada na vida do ser humano, por ser um período em que a atenção e os cuidados recebidos e o processo de desenvolvimento do sujeito poderão influenciar em traços da personalidade, na inteligência e no desenvolvimento físico até quando alcançar a fase

adulta. Isso revela também a grande importância da participação dos pais e responsáveis, assim como dos profissionais envolvidos durante o processo de crescimento e desenvolvimento da criança quanto às atitudes que deverão ser tomadas para garantir a qualidade de vida do pequeno sujeito.

Desta forma, fica exposto também que, buscar o entendimento sobre os processos de desenvolvimento cognitivo afetivo, assim como sobre a área motora e os demais processos ligados ao desenvolvimento infantil é necessário a todos porém, tais informações na maioria das vezes se restringem aos meios científicos, longe dos conhecimentos dos pais e até de profissionais ligados à educação infantil, por falta de acesso a permanente qualificação.

Alguns conceitos são fundamentais para a compreensão da dinâmica do desenvolvimento infantil no que se refere a cognição relacionado ao desenvolvimento das capacidades intelectuais e, com base em conceitos de Piaget muitos autores fundamentam seus estudos e ajudam no entendimento sobre esse tema. uma das questões a se entender é que:

O indivíduo herda uma série de estruturas biológicas (sensoriais e neurológicas) que predispõem ao surgimento de certas estruturas mentais. Portanto, a inteligência não a herdamos. Herdamos um organismo que vai amadurecer em contato com o meio ambiente. Desta interação organismo-ambiente resultarão determinadas estruturas cognitivas que vão funcionar de modo semelhante durante toda a vida do sujeito (RAPPAPORT, 1981-1982, p. 55).

Ao compreender que todo ser humano ao longo de sua vida vai precisar desenvolver uma ampla quantidade de aspectos intelectuais para solucionar uma variedade de situações na luta por uma sobrevivência satisfatória em seu ambiente social, Rappaport (1981-1982) destaca que “[...] tanto o ambiente físico como o social concorrem no sentido de oferecer estímulos e situações que requerem um processo cognitivo para resolução” (p. 55).

Sendo assim, fica claro que o processo cognitivo está totalmente ligado às interações, estímulos sociais, conceitos e ensinamentos advindos de pessoas do meio social e cultural e onde a criança está inserida, cabendo à essas pessoas, aos pais ou responsáveis e também aos profissionais que trabalham com a criança nesta fase de desenvolvimento, os devidos cuidados na instrução da mesma, oferecendo-lhe não apenas variedade de estimulação motora e dos sentidos como também aqueles

relacionados aos aspectos sociais para que haja um processo de desenvolvimento da inteligência o mais satisfatório possível.

No aspecto físico, um ambiente rico em estimulação irá proporcionar objetos que possam ser manipulados pela criança, lugares que possam ser explorados, oportunidades de observação da natureza, etc. No plano social, o ambiente será rico de estimulação quando reforçar e valorizar a aquisição de competência da criança em muitos e muitos aspectos (RAPPAPORT, 1981-1982, p. 56).

Em relação à estimulação da criança, no plano cognitivo, a música é uma atividade que se encaixa de maneira excelente pelo fato de que a presença dela na vida infantil- tanto na audição, como ao cantar ou na execução da música, por meio do aprendizado de um instrumento musical, coloca em curso vários processos cerebrais que se desencadeiam, e envolvem emoção, percepção, memorização, coordenação, entre outros exigindo a atividade cognitiva para a resolução dessas tarefas mentais e atividades físicas implícitas na prática da atividade musical.

De acordo com Tristão e Pederiva (2006), “Os resultados do estudo realizado por Bilhartz (2000), indicam que há uma ligação entre a instrução musical nos primeiros anos de vida e o crescimento cognitivo em habilidades ‘não musicais’” (p. 88).

Hoje no Brasil o estímulo às atividades musicais para as crianças, com objetivos de ganhos no desenvolvimento infantil ainda é muito tímido e limitado aos lares, e até mesmo nas instituições de ensino, talvez por falta de conhecimento quanto aos benefícios que a música pode proporcionar à criança, quando inserida em atividades musicais desde os primeiros anos de vida e também no período pré-escolar. É preciso que essas questões ganhem mais espaço nos meios de comunicação para que música, sendo um elemento tão presente, constante e acessível na vida do ser humano seja utilizada por todos como agente potencializador de avanços no processo de desenvolvimento.

No plano afetivo as emoções estão em evidência em relação ao comportamento e é preciso cuidado e perfeito ou adequado entendimento para lidar com a afetividade da criança por ser essa uma área que envolve processos psicológicos e pode tanto se desenvolver de maneira saudável quando bem tratada, como se desenvolver de maneira traumática quando negligenciada podendo, com isso acarretar prejuízos ao sujeito ao longo de seu desenvolvimento desde a infância até a fase adulta.

A área afetiva não diferente das demais áreas concernentes ao desenvolvimento infantil e já se evidencia desde o nascimento do ser humano como uma área de extrema importância. Muitos estudos já comprovam esse fato, (BRUM e SCHERMANN, 2003), citando um estudo do psicanalista René Spitz destacam que:

Trabalhando em um orfanato, Spitz (1945) observou que os bebês que eram alimentados e vestidos, mas não recebiam afeto, nem eram segurados no colo ou embalados, apresentavam a síndrome por ele denominada hospitalismo. Esses bebês tinham dificuldades no seu desenvolvimento físico, faltava-lhes apetite, não ganhavam peso e, com o tempo, perdiam o interesse por se relacionar, o que levava a maioria dos bebês ao óbito (p. 458).

Silva J (2008), menciona que para que a criança tenha um desenvolvimento saudável quanto aos aspectos – cognitivo, biológico, e socioafetivo – é importante a proteção que o adulto deve oferecer à ela para que se sinta segura e acolhida. Os ambientes familiar e escolar vão influenciar principalmente no desenvolvimento afetivo da criança uma vez que normalmente, na primeira infância, os espaços mais frequentes na vida dela são esses. Quando as pessoas que estão inseridas nesse ambiente são pessoas conhecedoras da importância da afetividade nesta fase tende a ser vivida em equilíbrio porém, nem sempre a criança desfruta de cuidados especiais na área afetiva por falta de compreensão dos responsáveis, em relação a relevância desse aspecto.

De acordo com Krueger (2003), citado por Silva J (2008) um ponto importante é que os estados afetivos fundamentais são um triângulo formado por emoções, os sentimentos e as paixões. Ela afirma ainda que a afetividade possui a característica de influenciar a percepção, a memória, o pensamento e as ações do indivíduo sendo, portanto, um componente essencial para a harmonia do ser humano.

Se as relações sociais em geral estão ligadas ao desenvolvimento afetivo, então o progresso no plano afetivo está relacionado a forma como se dão as relações, sociais do sujeito. Se há qualidade nelas, o desenvolvimento certamente será positivo e, essa qualidade em questão na verdade e, a compreensão sobre, os limites impostos, o carinho, a proteção, a atenção, as atitudes e a maneira de tratar a criança que vão se potencializar como bons recursos na construção afetiva durante este período. Silva J, (2008) comenta que demonstrar ‘afeto’ não se limita a atos como beijar e, abraçar, mas inclui também um envolvimento a nível de diálogo, se interessar e se envolver, de fato, com a criança e ser sensível a seus sentimentos e às suas demandas.

Como um dos pioneiros nos estudos do desenvolvimento infantil, Jean Piaget pôde trazer à tona várias questões complexas que se apresentam entrelaçadas, e que tem implicações relevantes no desenvolvimento afetivo. Silva J (2008) salienta que o teórico alerta em relação ao fato de que, apesar de diferentes em sua natureza, a afetividade e a cognição não se separam e são, indissociáveis em todas as ações simbólicas e sensório-motoras.

Nessa perspectiva várias possibilidades de estímulos por parte da família podem ser utilizados e a música se destaca como uma forma natural e eficiente de estímulo no desenvolvimento cognitivo e afetivo, por exemplo: ao acalantar o bebê ao som de uma canção de ninar a mãe está estimulando a criança cognitivamente e afetivamente. De acordo com DeCasper e Fifer, (1980); Standley e Madsen, (1990) citados por Ilari (2002): “Há vários estudos sobre a percepção de timbres, sobretudo timbres de vozes humanas, devido ao fato da voz materna ser o timbre favorito dos bebês provavelmente por ser ouvido com grande frequência ainda antes do nascimento” (p. 86).

Na idade pré-escolar e escolar, a criança já deve ser inserida nas atividades musicais sabendo-se que a mesma estará iniciando sua vida social fora do lar passando a frequentar a creche ou a escola, ambientes estes propícios, onde normalmente são frequentes uma variedade de atividades que envolvem a música. O educador deve ter consciência das possibilidades e dos benefícios que a música pode oferecer à criança, sendo a música, nesse aspecto, além de ferramenta no desenvolvimento cognitivo, também um elemento facilitador nas relações afetivas entre os alunos e os educadores.

“O estímulo ao aprendizado de música é necessário, já que a música para a criança funciona como uma nova forma de exteriorização dos sentimentos, como um novo idioma que servirá de veículo para as emoções” (STRALIOTO, 2001, apud TRISTÃO e PEDERIVA, 2006, p. 88).

A fase de socialização da criança segundo os especialistas, têm início no período pré-escolar, por volta dos 3 a 4 anos de idade quando a criança está saindo da fase egocêntrica e inconsciente e é a fase em que a criança começa uma vivência fora dos limites do seu lar, inicialmente frequentando a escola maternal popularmente conhecida como “pré-escola”, que é um prenúncio da escola. A escola maternal como espaço social de aprendizado, se configura como um lugar extremamente marcante na vida da criança, e contribui ricamente no desenvolvimento social da criança sendo indicado por muitos psicólogos pelo fato de que nesse espaço a criança está sendo colocada

diretamente em uma relação com indivíduos da sua mesma faixa etária e com as mesmas expectativas.

Alguns estudiosos denominam a faixa etária a partir dos 3 anos até os 6 anos de idade como fase pré-operacional, Rappaport (1981) salienta que na fase pré-operacional, ora em questão, o relacionamento social, mesmo sendo não tão abrangente na verdade ainda bastante restrito, vai incluir, além das pessoas da família naturalmente os pais, que continuam sendo o centro da afetividade, alguns poucos adultos como por exemplo, professores de escola maternal e outros congêneres e outras crianças.

O objetivo principal de escola maternal é o de propiciar a criança um convívio com seus iguais, o contato entre as crianças certamente em determinado momento vai desencadear brigas, algo que vai até mesmo fazer com que aprendam a defender-se, exercitando, assim, sua autodefesa (ENDERLE, 1990).

O desenvolvimento social da criança revela comportamentos de ostentação e autoconfiança, o que segundo especialistas significa uma consolidação da individualidade do sujeito devendo ser estes comportamentos entendidos como normal inerente a essa fase. De acordo com a autora acima citada “A criança é honestamente orgulhosa do quanto já é capaz de fazer e deseja ser reconhecida, por parte dos que a cercam, como uma pessoa crescida” (p. 82).

Para qualquer adulto que não conheça estas questões características do desenvolvimento infantil, essa fase pode se tornar um problema, pois a criança ao longo do seu desenvolvimento, especialmente a partir dos 3 anos de idade, tenderá a manifestar atitudes de autoafirmação e recusa as propostas dos adultos tentando impor a sua razão ou seu ponto de vista pessoal, o que para os pais muitas vezes pode ser entendido como rebeldia sem causa. O mundo da criança é sempre muito particular a elas, porém os adultos tanto da ficção como da vida real são potenciais referências que podem ser positivas ou negativas sendo preciso cautela em relação às atitudes e posturas adotadas para com a mesma.

A criança nesse período deve ser entendida e envolvida em brincadeiras e interação para reconhecer o sentido de cooperação, já que esse é um período em que mesmo brincando juntas no mesmo espaço, as crianças ainda tendem a atitudes individualistas, o que causa muitas brigas entre elas, porém é nessa dinâmica de interação com seus iguais e com os adultos responsáveis que ocorre o desenvolvimento social propício. Neste sentido recomenda-se que:

A melhor atitude do adulto parece ser a de oferecer à criança maneiras criativas de expressar a agressividade que nessa fase se estende até aos objetos da natureza, pisando em plantas e comprimindo animais. Essa conduta reflete o desejo de ser poderoso e de dominar as coisas do mundo para afirmar seu eu (ENDERLE, 1990, p. 84).

Os especialistas recomendam que sejam oferecidos a criança nessa fase variedade de material lúdico que possam representar o mundo fantástico dos heróis e assim também atividades lúdicas com a imitação de personagens do cotidiano da criança e da imaginação infantil. Partindo desse olhar os pais e os professores são extremamente importantes no convívio com a criança tendo a tarefa de assumir esse incentivo e estímulo positivo para o desenvolvimento social da mesma.

Em relação ao entendimento de coletividade e cooperação, a música aparece como um tipo de atividade bem propícia no que diz respeito ao desenvolvimento social pelo fato de que a música normalmente exige trabalho em conjunto. Os autores Souza e Joly (2010) salientam que nas aulas de música em grupo, os aspectos de relacionamento social como o respeito pelos colegas a cooperação para realizar atividades em conjunto requerem a atitude de união da turma para se alcançar objetivos comuns a todos, um exemplo disso seria cantar e dançar em roda ao mesmo tempo. Inicialmente, mesmo sem o uso de instrumentos musicais, o canto é uma atividade que se desenvolve na escola maternal e depois na escola primária em coletividade com grupos cantando juntos como pequenos corais todos em prol de um único resultado.

Pinto (2009) corrobora com essas afirmações quando comenta que as crianças que frequentam aulas de musicalização adquirem, por meio do ato de cantar, além de cultura e musicalidade, são influenciadas de forma a melhorar a comunicação e interação. A socialização ou “desenvolvimento social” da criança também deve ser visto com atenção e cuidado por parte dos adultos responsáveis como área de igual importância em relação às outras áreas do desenvolvimento infantil devendo ser tratado com estímulos e cuidados necessários para desenvolvimento de qualidade.

No próximo capítulo será abordado a música no contexto cultural e social infantil.

Capítulo II

A MÚSICA NO CONTEXTO CULTURAL E SOCIAL INFANTIL

No capítulo anterior foram tratadas situações importantes no processo do desenvolvimento infantil as principais áreas do desenvolvimento e algumas das contribuições da música para essas áreas, conhecendo desta forma um pouco melhor as questões principais do desenvolvimento infantil.

O desenvolvimento infantil não acontece de forma simples e linear e cada área que compõe o ser humano se desenvolve de maneira diferente, com suas especificidades, em uma teia de complexidades dependendo da idade, da genética e do meio em que o indivíduo estiver inserido podendo, desta forma, cada área ser beneficiada por meio de estímulos exteriores.

Atualmente muitos estudos apontam a música como um ótimo estímulo para o bom desenvolvimento na primeira infância. Porém a música na vida do ser humano não se restringe só a um meio, para se alcançar um bom desenvolvimento motor, ou para se alcançar benefícios só na área intelectual relacionada ao ensino, como por exemplo, ajudar na assimilação de disciplinas que dependem de concentração e maior raciocínio. Neste sentido é coerente dizer que:

A música deve ser vista em sua finalidade essencial, tal como todas as demais áreas do conhecimento, pois representa por si só uma área específica que não necessita de justificção nas demais para existir na sociedade e adentrar na comunidade escolar. Ninguém se pergunta por que estudar português, matemática, física ou química, afinal, o estudo de tais campos do conhecimento científico já se justifica na necessidade que constatamos deles para a vida das pessoas (PEREIRA e AMARAL, 2010, p. 2).

Essa linha de pensamento corrobora com a reivindicação dos teóricos que defendem a obrigatoriedade do ensino de música na educação básica onde, o contato com a música na infância deve ser estimulado e acontecer também porque a música é um elemento cultural global importantíssimo e está ligada ao cotidiano de todas as sociedades do mundo há milhares de anos. Sobre este tema Scheler e Domingues (2012) assinalam que:

A música se faz presente em todas as manifestações sociais e pessoais do ser humano, desde os tempos mais remotos. Schaeffner (1958) explica que, mesmo antes da descoberta do fogo, o homem primitivo se comunicava por meio de gestos e sons rítmicos, sendo, portanto, o desenvolvimento da música resultado de longas e incontáveis vivências individuais e sociais (SCHAEFFNER, 1958) citado por (SCHELER e DOMINGUES, 2012).

Vários pesquisadores da atualidade têm estudado a presença e a ação da música no cotidiano de todas as sociedades e a constatação unânime é que a música, sem dúvida, está associada à vida do homem desde sempre, evoluindo junto com a humanidade, e nos dias atuais faz parte de praticamente todos os momentos da vida em sociedade.

Ao observarmos a realidade neste século XXI, nos defrontamos com os mais variados suportes em que a música está presente. Ela está nos meios de comunicação, nos telefones convencionais e celulares, na internet, vídeos, lojas, bares, nos alto-falantes nos consultórios médicos, nos recreios escolares, em quase todos os locais que nós estamos e em meios que utilizamos para nos comunicarmos, ou nos divertirmos, e também nos rituais de exaltação a determinadas entidades, enfim, nos eventos mais variados possíveis (HUMMES, 2004, p. 17).

Em todas as sociedades e culturas existe a presença da música e assim obviamente, a prática musical de alguma forma, faz parte da vida em sociedade seja na sociedade ocidental ou não, em cerimônias religiosas, rituais, eventos sociais eruditos e populares, diversão, comércio, enfim na indústria cultural em geral. Nesse sentido portanto, fica claro a relevância da música na vida do ser humano, e desta forma há necessidade da conscientização e valorização da música como elemento a ser explorado e ensinado na infância, fase em que o aprendizado se dá com maior facilidade, e a criança está se desenvolvendo nos aspectos social, cultural e intelectual.

Na fase infantil, principalmente na primeira infância, a música revela o poder de ser um elemento de impacto positivo na formação geral do indivíduo. “As crianças reproduzem, revelam, expressam e significam as práticas musicais, desvelando sentidos de uma dada cultura num certo tempo e espaço social” (SUBTIL, 2005, p. 65).

Todo ser humano ainda que inconscientemente está exposto a música e às suas possíveis influências desde muito cedo. A criança no útero materno segundo estudos científicos já ouve os sons emitidos pela mãe e vindos do ambiente externo, tanto sons

como música de fato. “[...] o ambiente acústico uterino não é silencioso como acreditavam muitos, mas, sim, um universo sonoro rico e único, que proporciona ao bebê uma grande mistura de sons externos e internos” (ILARI, 2002, p. 84). Percebe-se então que a música faz parte da vida do ser humano até mesmo antes do nascimento e antes também de introdução de outros elementos que são colocados no cotidiano como aqueles obrigatórios à vida em sociedade por exemplo a escrita, e códigos de leitura entre outros.

No entanto no Brasil é possível observar que a música ou ensino dela na infância não parece ser prioridade, e quase sempre passa para em último plano entre as atividades escolhidas pelos pais na educação e formação dos seus filhos o mesmo acontece na escola pois muitas delas desconhecem sua importância no ambiente infantil. Em muitos dos casos a música é inserida simplesmente como disciplina recreativa, sem qualquer intenção de estímulo no desenvolvimento infantil ou de conhecimento para contribuir com a formação cultural e social da criança.

O ensino de música nas escolas de Educação Infantil, pode contribuir não só para a formação musical dos alunos, mas principalmente como uma ferramenta eficiente de transformação social, onde o ambiente de ensino e aprendizagem pode proporcionar o respeito, a amizade, a cooperação e a reflexão tão importantes e necessárias para a formação humana (SOUZA e JOLY, 2010).

Desta forma fica claro a importância da atuação da música na sociedade quando iniciada no contexto infantil. Porém infelizmente como elemento cultural a música muitas vezes é vista pela sociedade como uma arte restrita somente aos artistas “músicos profissionais”, pessoas vistas como seres diferentes muitas vezes privilegiados por um “Dom” desde o nascimento. Essa não contribui para a expansão do ensino de música como um saber necessário e importante na vida das pessoas, assim como tantos outros saberes.

Alguns países como a Hungria e os Estados Unidos que têm a cultura do ensino/aprendizado de música em casa e na escola, desde a primeira infância essa prática, facilita muito a relação dos cidadãos com a música sendo ela vista como linguagem social, como saber cultural ou uma opção de carreira profissional, o que seria o ideal para qualquer país. Porém, independente do incentivo ou não ao ensino de

música, em qualquer sociedade seja ela mais ou menos desenvolvida certamente a música, de alguma forma, está presente no seu dia a dia.

Sendo assim há necessidade de se conhecer melhor os benefícios e contribuições da música na vida infantil. Hummes (2004) também comenta que “As funções da música na sociedade têm sido tema de reflexões e investigações de vários professores e pesquisadores do cenário nacional e internacional da educação musical” (p. 18). Dentre muitos estudiosos das funções da música na sociedade Allan Merriam é um dos pesquisadores mais comentados e respeitados nesse tema, principalmente por ter dividido algumas funções da música em categorias.

Essas categorias abrangem várias funções que a música pode assumir em diversas áreas da vida do ser humano desde a infância. Citando Merriam (1964), Hummes (2004) destaca que existem dez áreas principais: 1-Função de expressão emocional, 2-Função do prazer estético, 3-Função do divertimento entretenimento, 4-Função de comunicação, 5-Função de representação simbólica, 6-Função de reação Física, 7-Função de impor conformidade às normas sociais, 8-Função de validação das instituições sociais e dos rituais religiosos, 9-Função de contribuição para a continuidade e estabilidade da cultura, 10- Função de contribuição para a integração da sociedade.

Outros pesquisadores, por exemplo como Swanwick (1997), citado por Hummes (2004), ainda discutem as possibilidades de fragmentação dessas dez funções em mais funções o que levanta ainda mais possibilidades, isso deixa claro que a ação da música na vida humana é algo real e por tanto merece a atenção devida para que se possa aproveitar e utilizar de maneira consciente possíveis benefícios que a música possa proporcionar na vida do ser humano a partir da infância.

2.1 A Música no Cotidiano da Criança

No dia a dia da vida em sociedade a música é algo inseparável e inegavelmente na maioria das vezes exerce sobre o homem sensações as mais variadas e, percebendo ou não, ela está inserida em praticamente todos os contextos do cotidiano social e, na vida da criança, desde o nascimento. Este contato com o universo sonoro acontece por meio dos vários sons que são produzidos pelas pessoas e objetos que fazem parte do seu ambiente social da criança. A princípio, uma das maneiras em que a relação da criança

com música de forma mais natural e afetiva é por meio da canção de ninar utilizada pelas mães em praticamente todas as culturas. Nesse sentido entende-se que:

Essa sua relação com a música pode ocorrer, por exemplo, por intermédio do acalanto da mãe ou aparelhos sonoros, sons da natureza e outros sons produzidos em seu cotidiano. Assim, a música dialoga com a constituição interna do ser humano. A criança estabelece suas primeiras relações com o mundo sociocultural por meio dos sentidos e dos laços afetivos (DOMINGUES e SCHERER, 2012, p. 5).

Independentemente do seu papel, a música no dia a dia infantil está associada com as brincadeiras e com as emoções da criança. Só em ouvir determinada música relacionada a alguma brincadeira a criança automaticamente exhibe a animação e o bem estar que aquele som juntamente com a brincadeira lhe proporciona e quase que simultaneamente demonstra a disposição em obedecer os comandos que são dados na brincadeira por meio da música. Nesse aspecto já se evidencia que a percepção da criança acaba sendo estimulada mesmo que música esteja sendo utilizada só como elemento recreativo com intuito de promover o prazer e, o bem estar da criança. Nessa perspectiva observa-se que:

Por meio das brincadeiras de explorar como: brincar com objetos sonoros que estão ao seu alcance, experimentar as possibilidades da sua voz e imitar o que ouvi, a criança começa a categorizar e a dar significado aos sons que antes estavam isolados, agrupando-os de forma que comecem a fazer sentido para ela (SOUZA e JULY, 2010, p. 98).

No âmbito das emoções a música exerce a função de um tipo de canal na liberação dos sentimentos onde flui as ideias e pensamentos íntimos da criança como um desabafo que muitas vezes não é revelado na fala. Em relação à ligação da música com as emoções no contexto infantil, Merriam (1964), citado por (HUMMES 2004), corrobora dizendo que:

Uma importante função da música então, é a oportunidade que ela dá para uma variedade de expressões emocionais – o descargo de pensamentos e ideias, a oportunidade de alívio e, talvez, a resolução de conflitos, bem como a manifestação da criatividade e a expressão das hostilidades (p. 18).

Sendo o mundo infantil, um mundo envolvido por brincadeiras, a música se torna um elo inseparável do cotidiano da criança já que muitas brincadeiras infantis envolvem música. As brincadeiras e a interação da criança com o universo sonoro proporcionam à criança, mesmo que de maneira simples e natural, formas diferentes de fazer música (JULY 2003).

Não raro ao ouvir uma música, qualquer criança, até aquelas que ainda não andam começam a movimentar o corpo dando a entender um tipo de dança e uma certa familiaridade com a sonoridade, isso demonstra no mínimo a sensação de divertimento e bem estar que a música naturalmente pode proporcionar à criança e também ao indivíduo adulto.

No convívio familiar a música desempenha a função de elemento facilitador da relação dos pais com os filhos tratando-se da transmissão cultural que normalmente acontece na vida família. Nesse contexto a música também é uma importante ponte de ligação para a continuidade e a estabilidade da cultura em alguns povos e sociedades, e independentemente da textura que organiza a música de cada povo, os seus componentes, a saber o ritmo, a melodia e o timbre, empregados na voz através do canto são recorrentes e acessíveis a qualquer sociedade. Assim, conseqüentemente toda criança incentivada a desenvolver suas aptidões musicais, por meio da relação com os pais, está também desenvolvendo suas competências sociais.

Os pais por estarem muito próximos da criança acabam sendo responsáveis pelo despertar da musicalidade da criança por serem as figuras de maior ligação com ela e, por serem suas referências, e também por estarem presentes no cotidiano infantil. A partir do gosto e preferência dos pais inicia-se também a apreciação musical da criança, isso poderá influenciar na escolha do repertório que ela a tendera a priorizar na sua vida adulta. Esse fato se torna importante porque para que a criança tenha um desenvolvimento cultural mais rico, no contexto musical, é importante que ela tenha várias opções de escuta disponíveis no seu habitat natural ou seja, em seu lar, (ILARI 2002) citando investigação realizada por Trehub et al. (1997) comenta que:

Investigaram o canto de pais e mães de bebês de 6 a 9 meses, e encontraram diferenças fundamentais tanto na frequência do ato de cantar quanto na escolha do repertório. Além as mães cantarem com maior frequência do que os pais, elas cantavam canções infantis simples e estereotipadas, enquanto que os pais tinham tendência a cantar vários estilos, incluindo-se canções destinadas aos adultos comerciais de televisão e canções inventadas (p. 87).

A influência da música na vida da criança também pode resultar em uma possível carreira profissional do indivíduo como músico. Existem exemplos de grandes músicos de séculos passados de talento reconhecido mundialmente que fazem parte da história da música dentre eles “Mozart e Beethoven” e muitos outros como também músicos da atualidade no Brasil e no mundo que se tornaram músicos profissionais, e fizeram da música o seu ofício e abrilhantaram o mundo com a “Arte Sonora” por terem tido incentivo e acesso à música desde a primeira infância, como cultura e opção profissional. Nessa perspectiva faz toda diferença a criança ter acesso e incentivo para aprender música o mais cedo possível.

No Brasil a música não parece ser vista como uma opção de futuro meio de trabalho, principalmente em famílias que não tem músicos, isso independe da classe social, essa questão parece estar muito mais ligada à não valorização da música como sendo uma boa profissão. Porém nos dias atuais ainda existem músicos de carreira reconhecida e de muito sucesso no Brasil e no mundo muitos deles vindos de famílias humildes, de situação social de risco, que por meio da música transformaram suas vidas.

A música apresenta-se, então, como um importante elemento de formação de identidade e construção da cidadania onde agentes multiplicadores de cultura assumem o papel de transformadores da realidade social. Mais do que isso, a formação musical e de cidadania tem proporcionado desenvolvimento pessoal e possibilidade de profissionalização (RIBEIRO, 2012, p. 9)

Verifica-se assim que atualmente muitas instituições projetos sociais e igrejas, que trabalham com crianças e adolescentes e utilizam a música como meio de socialização, aculturação e profissionalização mudam a realidade de pobreza e marginalização que muitas crianças teriam como única realidade e dão, à elas a chance de desenvolver a criatividade, a sensibilidade, o senso estético e, o conhecimento cultural mais abrangente. O incentivo dessas instituições e projetos levam aqueles que se destacam a conhecer outros lugares do mundo, ter uma vida diferente, e crescer profissionalmente por meio da carreira musical. Essa realidade revela a seguinte questão:

[...] em áreas marcadas pelo preconceito, pela não-aceitação e pela degradação das condições de vida, trabalhar com a arte, e em especial com a música, pode ser um grande passo para a construção da auto-

estima e, simultaneamente, para o resgate da consciência e do poder de transformação social dos sujeitos envolvidos (RIBEIRO, 2012, p. 7)

Desta forma, reforça-se a constatação que na vida da criança de qualquer classe social, mas em especial daquela que não tem opções e, nem tão pouco uma situação social confortável, a música é uma ponte para uma mudança positiva. E como cultura é elemento necessário e positivo na formação social, além de se mostrar como um grande benefício no que se refere também ao desenvolvimento global do indivíduo.

2.2 A Música na Escola

Antes da fase escolar a música interage na vida da criança de maneira bem natural e até mesmo despercebida por ser algo tão presente no cotidiano, porém ao chegar no ambiente escolar a princípio na escola maternal, a música deve ser utilizada na rotina da criança de maneira intencional e com objetivos claros e definidos, para que se possa obter os benefícios que a música integrada às atividades pode proporcionar. Deve-se saber que:

O ensino de música nas escolas tanto de Educação Infantil como também nos outros níveis, pode contribuir não só para a formação musical dos alunos, mas principalmente como uma ferramenta eficiente de transformação social, onde o ambiente de ensino e aprendizagem pode proporcionar o respeito, a amizade, a cooperação e a reflexão tão importantes e necessários para a formação humana (SOUZA e JOLY, 2010, p. 100).

O desenvolvimento das habilidades criativas e a transformação cultural também podem e devem ser metas a serem alcançadas por meio das funções da música no contexto escolar.

A interação entre os aspectos sensíveis, afetivos, estéticos e cognitivos, assim como a promoção de interação e comunicação social, conferem caráter significativo à linguagem musical. É uma das formas importantes de expressão humana, o que por si só já justifica sua presença no contexto da educação, de um modo geral, e na educação infantil particularmente (RECNEI, 1998, p. 45).

Desta maneira depois da família a escola, por ser o ambiente mais presente na vida infantil, se torna o lugar onde o incentivo a criação espontânea, o improviso, a composição e a interação com outras realidades culturais devem ser apresentadas à criança no sentido de proporcionar a ela os conhecimentos inerentes a escola e ampliação da bagagem cultural, o que ao longo do tempo promoverá a criatividade e a transformação cultural. Caetano e Gomes (2012) ainda comentam que em relação a problemas pedagógicos não se pode dizer que a música seria o elemento solucionador, porém na primeira infância, dadas as características da criança, a música desempenha uma função mediadora para o desenvolvimento da criatividade.

De acordo com Scherer e Domingues, (2012) a linguagem musical também é capaz de estimular a memória verbal e escrita, visto que uma canção pode retratar o relatório de uma leitura e as notas podem ensinar o mesmo significado das palavras. Verifica-se assim que a música proporciona ao mesmo tempo conhecimento e cultura no que se refere a educação infantil.

Desta forma fica claro que no espaço escolar as possibilidades de inserção da criança no mundo sonoro de maneira lúdica, se torna mais fácil e natural, além de ser um espaço apropriado para trabalhar a variedade de possibilidades de atividades envolvendo a música, a escola é o segundo lugar de referências e socialização na vida da criança. As atividades envolvendo música na escola são previstas nos documentos do “Referencial Curricular para a Educação Infantil” (RECNEI), isso prova que esse assunto dada a sua importância não pode ser tratado sem a devida atenção merecida.

Talvez em casa nem toda criança tenha a oportunidade de brincar ou participar de atividades embaladas por músicas, porém na escola essa interação das crianças entre si com a utilização da música se torna muito mais fácil.

Por meio das brincadeiras de explorar como: brincar com objetos que estão ao seu alcance, experimentar as possibilidades da sua voz e imitar o que ouve, a criança começa a categorizar e dar significado aos sons que antes estavam isolados, agrupando-os de forma que comecem a fazer sentido para ela (SOUZA e JOLY, 2010, p. 98).

Muita são as atividades nas quais pode-se realizar um trabalho de aculturação e desenvolvimento utilizando a música e normalmente essas atividades estão no cotidiano escolar por isso a escola acaba sendo o local mais propício para a presença da música

com intenção de aquisição de benefícios para vida da criança. Neste contexto explica-se que:

Por meio da música podemos expressar nossas idéias e sentimentos, compreender valores e significados culturais presentes na sociedade ou no grupo onde ela foi criada. Por meio do movimento e da dança nos interagimos corporalmente com a mesma, apreciamos a beleza de escutar com atenção a uma obra musical. Transmitimos nossas emoções ao interpretar uma peça seja tocando um instrumento ou cantando (SOUZA e JOLY, 2010, p. 100).

Neste sentido os educadores têm a responsabilidade de buscar conhecimento sobre o assunto para orientar as atividades da melhor maneira possível, sem descartar nenhuma possibilidade, pois um bom trabalho realizado com a criança por meio da música poderá influenciar positivamente por toda a vida, os autores acima citados ainda comentam que: “Dessa forma torna-se importante para a criança começar a se relacionar com a música ainda que seja no ambiente escolar, pois é nessa fase que ela constrói os saberes que irá utilizar para o resto de sua vida” (p. 98).

Nesse contexto é consenso entre os teóricos que para se trabalhar com a música na escola:

O professor deve ser criativo, utilizando a música não só como motivação para a criança, mas também na formação do seu imaginário, envolvendo as atividades do currículo escolar do aluno. Atividades com música podem explorar as culturas de diferentes povos, devem envolver diferentes compositores, analisar as diferentes épocas, etc (JEANDOT, 2001) citado por (REIS, RESENDE e RIBEIRO 2012, p. 8).

De acordo com os RECNEI, no vol. 3, as atividades escolares envolvendo a música devem ser intencionais, diversificadas e gradativamente aplicadas com conteúdos próprios por faixa.

De zero a três anos deve-se trabalhar a percepção e a escuta com o foco em ouvir, perceber e discriminar eventos sonoros diversos, fontes sonoras e produções musicais; brincar com a música, imitar, inventar, e reproduzir criações musicais.

De quatro a seis anos deve-se trabalhar a parte criativa, social e emocional com foco em explorar e identificar elementos da música para expressar, interagir com os outros, e ampliar seu conhecimento do mundo; perceber e expressar sensações,

sentimentos e pensamentos, por meio de improvisação, composição, e interpretações musicais.

Na escola a criança também estará sendo enriquecida culturalmente com atividades musicais que visam colocar ao seu alcance a diversidade de estilos e gêneros musicais existentes em toda parte do mundo. (REIS, RESENDE e RIBEIRO 2012) ao citar Loureiro (2008) comentam que a autora:

(...) vê a música como uma possibilidade de reintegração social e de construção do conhecimento. Muitas vezes em casa a criança não tem acesso a música, e, quando lhe é colocada a diversidade de ritmos e gêneros, ela se interessa. Além disso, a música pode atraí-la e passar a servir de motivação para outras atividades (p. 9).

Por meio da escuta de obras produzidas em seu país e em outros países do mundo, a criança exerce a sua capacidade de comparação e até de apropriação estética de produções de diferentes lugares e épocas. O conhecimento da sua própria cultura, e de culturas diferentes é o que faz com que o indivíduo se reconheça no seu meio cultural e social, e entenda as diferenças em relação a outras culturas, isso promoverá ao sujeito desde a infância um olhar plural afastando distorções e preconceitos em relação à outras culturas.

Os RECNEI também tratam da importância de se trabalhar os conteúdos musicais com a preocupação de se focar as atividades voltadas à criação e à elaboração musical, para que a música na escola não se resuma meramente a um produto pronto e a atividades de reprodução e imitação sem o sentido de estímulo à criatividade imaginativa e estética da criança. Cabe às instituições de ensino, sejam públicas ou particulares, colocarem em prática todas as orientações dos RECNEI e aos profissionais, neste caso professores, observarem todas as possibilidades de inserção da música no cotidiano escolar da criança, com a intenção de obter resultados relevantes, do ponto de vista de ganhos no desenvolvimento global infantil, lembrando-se que cultura tem a mesma importância dentro da vasta lista de ganhos que a música pode proporcionar ao indivíduo na primeira infância.

No Brasil a música na escola tem uma história um tanto conturbada, em algumas épocas esteve presente e em outras ausente, porém recentemente o governo brasileiro sancionou a Lei nº 11.769, em 18 de agosto de 2008, que determina que a música deve ser conteúdo obrigatório, porém não exclusivo no ensino de arte na educação básica.

Essa ação do governo vai corroborar e confirmar que já existe o conhecimento e a constatação de que a música não deve ficar de fora das dos componentes curriculares que compõem o currículo da educação básica em que o primeiro segmento é a educação infantil, por ser a música comprovadamente uma ponte ou ferramenta para ajudar no desenvolvimento global da criança. Neste sentido entende-se que:

É uma grande vitória a aprovação da lei, pois já está mais que comprovado os benefícios da música no auxílio à aprendizagem. A música trabalha os hemisférios cerebrais, equilibrando o pensar e o sentir. A percepção auditiva trabalha a afinação. A melodia trabalha diretamente o emocional. A harmonia desenvolve o racional e a inteligência. A coordenação motora e movimentos são estimulados através da pulsação rítmica. É sabido que ela auxilia na aprendizagem da matemática, desenvolve a concentração, habilidades intelectuais, raciocínio lógico, etc. Contudo, para os profissionais da área de educação musical, o valor da música transcende a idéia de apenas auxiliadora às outras áreas do conhecimento (FERREIRA e AMARAL, 2010, p. 2).

A questão mais importante sobre a discussão dos motivos de se oferecer a música como aprendizado na infância na verdade deve ser porque a música é importante na formação e desenvolvimento do ser humano e, alguma contribuição ela trará.

Música e neurociência será o tema do próximo capítulo.

Capítulo III

MÚSICA E NEUROCIÊNCIA.

Atualmente estudiosos da área da ciência e psicologia vem desenvolvendo estudos importantes sobre a ação da música sobre o cérebro humano e algumas descobertas têm revelado o valor da inserção da música na vida do ser humano desde a primeira infância não simplesmente como entretenimento, mas também com intenção de se obter os benefícios por meio da ação da música no cérebro em pleno desenvolvimento.



Figura 1-Cérebro musical (áreas cerebrais e atividades musicais).

Fonte: <http://centrosuzukiindaiatuba.com/musicaestudo/>(2014).

A busca por conceitos neuronais relevantes para a música se inicia a partir de fortes indícios de que ela possui uma origem evolucionária: a música é distribuída universalmente, e apresenta universalidades cognitivas; ela é encontrada em membros imaturos da espécie; e apresenta algum grau de automação (ANDRADE 2004, p. 23).

Um aspecto muito importante sobre o funcionamento cerebral a ser entendido trata-se da plasticidade cerebral que é a capacidade de adaptação do sistema nervoso central e a sua característica de modificação estrutural e de funcionamento. “Ela é a propriedade do sistema nervoso que permite o desenvolvimento de alterações estruturais em resposta à experiência, e como adaptação a condições mutantes e a estímulos repetidos” (RELVAS, 2007, p. 33).

A autora acima citada ainda comenta que a plasticidade cerebral se desenvolve ao longo de nossas vidas e que todo processo de aprendizagem e reabilitação das funções motoras e sensoriais dependem dela. Nesse contexto os estímulos, dentre eles a

música, são muito importantes no processo de desenvolvimento da plasticidade cerebral.

Como o sistema nervoso de uma criança em desenvolvimento é mais plástico que o de um adulto, é mais importante a atuação correta e eficaz na estimulação da plasticidade para favorecer a máxima da função motora/do aprendiz, visando facilitar o processo de aprender a aprender no cotidiano escolar (RELVAS, 2010, p. 38).

De acordo com Grandelle (2014), do jornal O Globo, o neurocientista e escritor Oliver Sacks (autor de “Alucinações musicais”), costumava dizer que a música não é apenas uma forma pela qual nos conectamos e criamos laços. “Ela literalmente, molda os nossos cérebros”. Nessa mesma matéria ele ainda comenta que de acordo com novos estudos, crianças que recebem aulas de música regularmente ampliam suas capacidades cerebrais para o resto de sua vida adulta.

A pesquisa publicada na “PLOS One” mostrou que crianças que recebem aula particulares de música por pelo menos dois anos revelam maior atividade cerebral nas áreas associadas às funções executivas, ou seja, os processos cognitivos que permitem aos seres humanos processar e reter informações, resolver problemas e regular comportamentos (GRANDELLE, 2014, JORNAL O GLOBO).

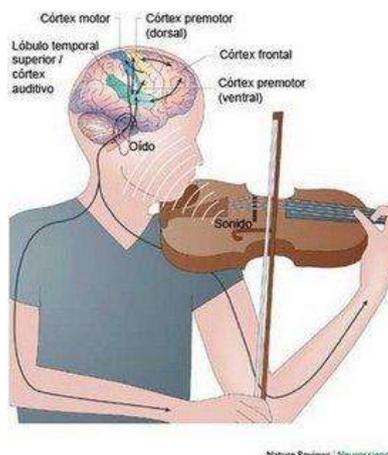


Figura 2-Áreas do cérebro afetadas durante a execução musical

Fonte: <http://www.violinovermelho.com.br/blog/música-cerebro> (2010).

Concernente à plasticidade cerebral existem tipos de neuroplasticidade e um desses tipos é bem recorrente durante a primeira infância, período em que se dá o início

da escolarização fase em que a criança é estimulada de diversas formas e, está aberta ao aprendizado. Trata-se da neuroplasticidade como resposta à experiência e diz respeito a estímulos externos que afetam o funcionamento cerebral.

Neuroplasticidade como resposta à experiência: ocorre a partir de novas experiências, desafios e aprendizagem. A partir de estímulos novos, o cérebro reorganiza-se, expande suas conexões neurais e modifica as capacidades, ampliando-as e fixando-as na memória do indivíduo (RELVAS, 2010, p. 33).

3.1 Benefícios e contribuições da música no desenvolvimento cerebral

A partir das afirmativas anteriores baseadas em estudos, já se pode vislumbrar a música como uma das alternativas de atividade que favorecem a saúde e o desenvolvimento cerebral.

As Neurociências têm desenvolvido estudos com a música "a fim de compreender como a mente percebe, interpreta, apreende e comanda a música, como também, desvendar os processos anatomofisiológicos envolvidos na percepção, aprendizagem e cognição musical" (JANSEN 2008, apud, CUERVO 2011, p. 3).

Dentre muitas descobertas importantes, que têm trazido respostas sobre o funcionamento cerebral de maneira mais abrangente, uma descoberta das neurociências se destaca, a que comprova que o cérebro humano tem a capacidade de remodelagem e adaptações de acordo com a situação em que ele for submetido.

(...) o cérebro humano muda durante a vida, e essa mudança é benéfica. Experiências revelam que situações desafiadoras e ambientes "complexos", agradáveis e divertidos fornecem capacidade extra de que o cérebro precisa reconfigurar-se. Essa plasticidade dispara um mecanismo pelo qual o cérebro se remodela para aprender a sentir-se melhor, ou pode ser induzido a se autorreparar quando estimulado (RELVAS, 2010, p. 33).

A partir dessas informações entende-se que o cérebro da criança tem uma grande facilidade de ser modelado como consequência de atividades que estimulem o

funcionamento cerebral de diferentes maneiras, como resposta a cada situação ou ambiente. Nesse sentido é importante saber que:

Os primeiros anos de vida da criança são fundamentais para o seu desenvolvimento. Cada experiência nova, cada contato realizado na época própria possibilita as conexões sinápticas e cria condições favoráveis para o surgimento de determinadas competências e facilidades, como as descritas por Howard Gardner em seus estudos sobre a inteligência: cinestésica, espacial, linguística, musical, lógico-matemática etc., além de proporcionar à criança a capacidade de controlar suas emoções ao longo de sua vida (RELVAS, 2010, p. 39).

Nesse contexto em relação a maioria dos músicos que também são pais, é claramente perceptível o desejo deles que seus filhos venham a estudar música desde muito cedo, na primeira infância por questões culturais, sociais e profissionais. À primeira vista porém, mesmo sem saber ao certo, eles estão oferecendo aos seus filhos também um estímulo ao desenvolvimento global de maior qualidade. De acordo com Andrade (2004, p. 23) (...) “há evidências de que componentes estruturais da música como contornos melódicos e os intervalos são codificados automaticamente pelo cérebro mesmo em indivíduos não músicos”. Se além dos pais músicos também os pais que não são músicos tivessem mais informações a respeito dessas questões a área de ensino musical provavelmente ganharia mais incentivo no Brasil.

Os estudos sobre o processamento da música no cérebro tem se intensificado atualmente, e cada vez mais tem se descoberto novas evidências sobre a influência da música no funcionamento do córtex auditivo e funções cerebrais superiores.

Hoje há evidências suficientes mostrando, por exemplo que a audição musical atenta, além de envolver mecanismos perceptuais básicos no processamento das variações espectrais (tonais) e temporais dos eventos auditivos, também envolve a memória, incluindo as várias formas de memória de trabalho, além de atenção e até mesmo imaginação motora, bem como o processamento semântico e o processamento multissensorial de regras abstratas de alta complexidade que pode ser compartilhado com o processamento numérico e sintático da linguagem (ANDRADE, 2004, p. 24).

Estudos como este reiteram os benefícios da ação da música no cérebro da criança que, uma vez em desenvolvimento, é propício às influências causadas por estímulos de maneira geral e musicais, de forma específica. Estudos recentes também

dão conta de que a música tem a capacidade de esculpir (moldar) o cérebro, por exemplo já se sabe que o corpo caloso, parte cerebral responsável por ligar os dois hemisférios normalmente são maiores em músicos profissionais, isso se dá pelo fato de terem sido estimulados com a música desde a infância, fase em que a plasticidade cerebral é muito intensa.

Descobertas como esta, contribuem com as pesquisas em andamento, para avanços nos estudos neurocientíficos sobre estímulos eficazes para o desenvolvimento cerebral, e colocam a música em destaque como estímulo para ativar as variadas partes do cérebro.

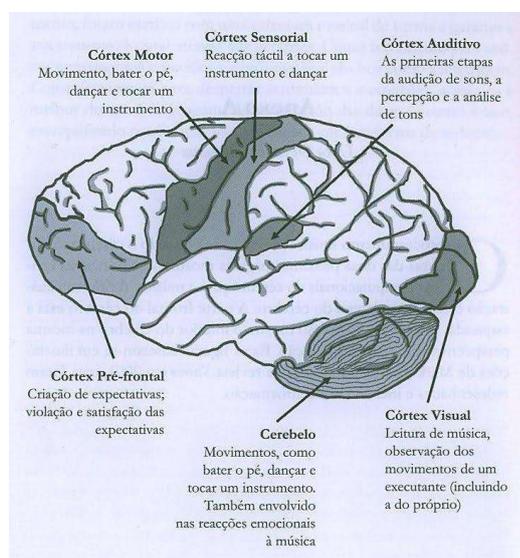


Figura3-Regiões do cérebro afetadas por vários estímulos musicais

Fonte: <http://cogitomusica.blogspot.com.br/>(2014).

Muitos fatores estão associados com o desenvolvimento cerebral em cada área específica do ser humano, Piaget por exemplo, defendeu a teoria de que o desenvolvimento intelectual está ligado a fatores sociais, biológicos e o processo de equilíbrio, e não há como separar tais fatores. Nessa perspectiva a música tem se destacado como elemento estimulador para todos esses fatores. Essa relação concomitante de fatores revela que:

Em relação à musicalidade, bem como em qualquer área de desenvolvimento intelectual, fatores biológicos e culturais são complementares, formando uma rede de elementos indissociáveis entre si. Relacionando essas afirmações à música, constatamos que a musicalidade é constituída por um conjunto de elementos do fazer musical que vão além de habilidades técnicas específicas (CUERVO 2009, p. 75) citado por (CUERVO 2011, p. 2).

3.2 Novas descobertas nos estudos neurocientíficos e a música

Ao se tratar da capacidade cerebral, “O cérebro humano possui cerca de 100 bilhões de neurônios que podem estabelecer milhares de sinapses e, por isso a capacidade de aprender é ampla” (RELVAS, 2010, p. 35).

Sendo o cérebro o órgão responsável pelo processamento de todas as informações concernentes a cada área em desenvolvimento, entende-se que a plasticidade cerebral é o atributo que possibilita as mudanças ou adaptações necessárias à cada nova aprendizagem e assim, na evolução de cada área do desenvolvimento humano.

Neste sentido vale destacar que os estudos neurocientíficos, revelam a atuação da música em várias áreas do desenvolvimento, dentre elas estão, por exemplo, a área social, a fala, a emoção, a cognição, a motricidade e a afetividade. Portanto, a música está totalmente ligada ao desenvolvimento global e dessa forma vale a pena a verificação da influência da música em cada uma dessas áreas. Os autores a seguir comentam como a música é processada no cérebro:

O hemisfério cerebral direito é o responsável pelo conteúdo emocional da música, como também a discriminação dos contornos melódicos e dos timbres. O hemisfério esquerdo processaria os ritmos, métricas e tonalidades; juntamente com as áreas da linguagem, o hemisfério esquerdo também seria responsável por analisar parâmetros rítmicos e alturas. Há comunicação entre os dois hemisférios, que é através do corpo caloso e é possível perceber que a música afeta o cérebro como um todo. A música afeta o funcionamento do cérebro e são comprovadas alterações fisiológicas, tais como alterações no ritmo cardíaco respiratório e elétricos cerebrais (SANTOS e PARRA 2015, p. 3) citando (MUSZKAT 2012).

Devido à grande expansão dos conhecimentos científicos sobre as bases neurobiológicas relacionadas ao processamento da música no cérebro, hoje já se entende que uma grande quantidade de áreas cerebrais relacionadas a percepção de ritmo, altura,

timbre, decodificação métrica e harmônica estão relacionadas também às atividades não musicais porém, quando essas áreas cerebrais são estimuladas com a música, elas passam a apresentar uma atividade mais acentuada e efetiva, o que favorece o funcionamento cerebral. Para alguns autores a música se diferencia de outras artes pelas seguintes questões:

A música, mais que qualquer outra arte, tem uma representação neuropsicológica extensa. Por não necessitar, como música absoluta, de codificação linguística, tem acesso direto à afetividade, às áreas límbicas, que controlam nossos impulsos, emoções e motivação. Por envolver um armazenamento de signos estruturados, estimula nossa memória não-verbal (áreas associativas secundárias) (MUSZKAT, CORREIA e CAMPOS, 2000, p. 72).

Sendo assim, só o fato de se ouvir música, principalmente de maneira atenta, já contribui com a atividade cerebral no que diz respeito ao estímulo à percepção desencadeando uma série de processos cerebrais importantes. Ouvir música não é algo muito simples quando se trata do que acontece no cérebro no momento da audição, e na verdade:

A audição de uma música é também uma tarefa extremamente complexa, já que engloba diferentes padrões, associações, emoções, expectativas, entre outras coisas. Isto envolve um conjunto de operações cognitivas e perceptivas, que são representadas no sistema nervoso central. Partes dessas operações seriam independentes, e outras integradas, ligadas a experiências prévias do sistema de memória, fazendo com que a experiência musical adquira um significado (ALTENMÜLLER e GRUHN 2002) citado por (PEDERIVA e TRISTÃO, 2006, p. 85).

Levando-se em conta tais questões é possível imaginar o quanto o cérebro de uma criança exposta à música poderia se desenvolver se estimulada, tanto na prática da audição atenta, como também na prática de algum instrumento musical. Porque a prática de um instrumento musical vai exigir do cérebro uma série de comandos desencadeando também um processo de alta complexidade.

Concernente a essa questão Stralio (2001), citado por Pederiva e Tristão (2006, p. 88), salienta que quando a criança é colocada em contato com a música bem cedo, as suas chances de assimilar novos códigos sonoros oferecidos pela música são bem maiores e conseqüentemente, será muito maior o seu conhecimento armazenado na memória sonora, quando a criança é exposta a uma maior quantidade de tipos de sons.

Isso ainda pode ser ampliado se a criança praticar algum instrumento musical, porque o processo de tocar um instrumento torna a criança um agente criador de diferentes códigos sonoros.

A música como objeto de estudos neurocientíficos ainda demanda muitas pesquisas pelo alto grau de complexidade que envolve o seu processamento no cérebro humano. Porém segundo Ilari (2005), citada por Pederiva e Tristão (2006), nas últimas décadas tem crescido substancialmente o interesse pelo desenvolvimento cognitivo musical, e esse interesse tem sido motivado por novas descobertas no campo da neurociência.

De acordo com Rocha e Boogio (2013) em estudos relacionados a plasticidade cerebral de músicos e não músicos, foram apontadas diferenças, como por exemplo, maior volume do córtex auditivo, maior concentração de massa cinzenta no córtex motor e maior corpo caloso anterior em músicos.

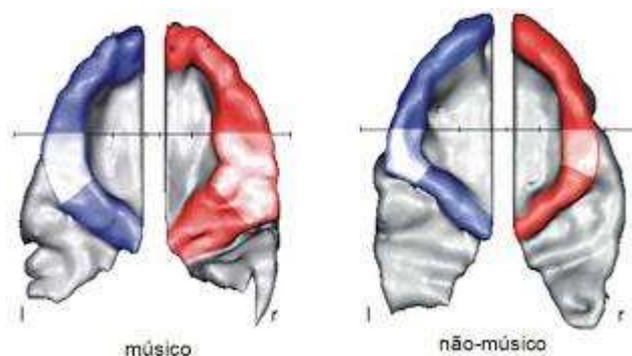


Figura 4- Corpo caloso dos indivíduos músico e não músico

Fonte: Peter Schneider Heidelberg (2012).

Ainda estudos na área de neuroplasticidade indicam correlação entre o tempo de estudo de música, por exemplo com que idade o indivíduo começou a estudar música, e tais diferenças na estrutura cerebral. Os autores ainda relatam aspectos relevantes sobre estudos que apontam a correlação entre treinamento musical formal e

habilidades no que diz respeito as áreas linguísticas espaciais e matemáticas, além de indícios da correlação de discriminação de altura e ritmo em música e a área fonológica e desenvolvimento precoce da leitura.

Neste sentido, Billhartz e colaboradores (2000), citado por Pederiva e Tristão (2006), em estudos com o intuito de estabelecer correlações entre o estudo de música e desenvolvimento cognitivo em crianças ainda na primeira infância, na faixa etária de quatro a seis anos de idade, realizou pré e pós-testes, utilizando-se da escala de inteligência Stanford-Binet e de acordo com os estudos houve uma correspondência significativa entre instrução musical nos primeiros anos de vida e habilidades espacial-temporais.

Ainda em outro estudo realizado por Scherer e Domingues (2012) em uma escola municipal de educação infantil no Paraná, com o objetivo de pesquisar o desenvolvimento das funções psíquicas de crianças de zero a cinco anos de idade submetidas ao ensino de música em duas aulas semanais, de cinquenta minutos, pode se verificar por meio dados obtidos que a linguagem musical é um instrumento psicológico excelente para o desenvolvimento psíquico de crianças nessa faixa etária e nesse nível de ensino. De acordo com os autores as pesquisas foram baseadas na perspectiva Histórico-Cultural (VIGOTSKI, 1986; LEONTIEV, 1988) e foi percebido por eles além da aprendizagem de conceitos musicais o vocabulário das crianças foi bastante ampliado dentre outras contribuições no campo social e afetivo também. Nesse sentido pode-se verificar na prática por meio dessas pesquisas a evidência da plasticidade cerebral concernente a aprendizagem, o que reforça as afirmações de que:

A plasticidade é importante na aprendizagem, pois as áreas do cérebro que são destinadas à função específica podem assumir outras funções quando necessárias, além da interdisciplinaridade cerebral, quando o conhecimento de uma área é aproveitado em outra área. Por exemplo: o ritmo que é desenvolvido por uma música é aproveitado na leitura, na escrita e nos conceitos matemáticos (RELVAS, 2010, p. 35).

No campo das emoções relatos de Peretz e Zatorre (2004), citados por Rocha e Boogio (2013), salientam que estudos sobre emoções provocadas por música indicam visões distintas entre pesquisadores: uma corrente de pesquisas levanta a hipótese de que a emoção evocada pela música deriva de julgamentos estéticos e, por isso, envolveria somente regiões corticais do cérebro e a outra corrente, defende a ideia de

que a música tem relação com emoções simples do cotidiano como tristeza, alegria, medo e raiva independentemente de análises formais.

Desta forma, cada vez mais os atuais estudos neurocientíficos demonstram que a música tem influência no desenvolvimento cerebral na fase da primeira infância e que a prática de atividades musicais durante este período, podem proporcionar benefícios quanto ao desenvolvimento global da criança. Neste sentido é importante destacar que os estudos científicos continuam a respeito do presente tema, na busca de mais informações sobre a relação da prática musical com o desenvolvimento infantil.

Considerações Finais

O presente trabalho possibilita considerar que desde a concepção o desenvolvimento humano é dinâmico e complexo e que em cada área do desenvolvimento seja ela área motora, linguagem, intelectual, cognitiva, afetiva, social ou cultural existem demandas de estímulos e cuidados específicos, levando-se em consideração a faixa etária da criança e também aspectos ligados a genética e aqueles relacionados aos estímulos ambientais.

Neste sentido é notável o quanto a música pode influenciar positivamente no desenvolvimento infantil principalmente na primeira infância, no que se refere aos benefícios e contribuições que ela pode trazer, e a necessidade da participação dos pais e responsáveis como os professores na utilização da música com intenção de estimular o desenvolvimento de diversas áreas da criança por meio de acalento, brincadeiras ou atividades pensadas para esse propósito.

Nota-se assim a importância da música e sua presença na vida do ser humano em qualquer sociedade como expressão da cultura, no cotidiano das relações humanas a partir do ambiente familiar e escolar por ser esses os principais espaços de formação da criança. Sabendo-se da presença e da importância da música no dia a dia em sociedade em rituais, cultos, divertimento e trabalho como elemento de expressão emocional, prazer estético, comunicação e representação simbólica dentre outras funções que a música pode assumir na vida em sociedade.

Revela-se assim a necessidade de se oferecer a música para a criança desde cedo no intuito de estimular a criança a vivenciar experiências musicais e se relacionar com ela de maneira lúdica e abundante, para desenvolver de maneira qualitativa a sua criatividade, a sua percepção, as suas relações sociais-afetivas e sua cultura, além de lhe proporcionar uma opção futura de trabalho na área artística cultural.

A existência de vários estudos nas áreas da neurociência e da psicologia comprovam a influência da música no desenvolvimento cerebral e assim também sua influência nas funções cerebrais, que a criança que é estimulada por meio da música desde a primeira infância, que o seu cérebro acaba sendo moldado de forma diferente do indivíduo que nunca estudou música e pode se desenvolver com vantagens em algumas áreas, como por exemplo, intelectual, motora e cognitiva. Felizmente continuam as pesquisas em busca de mais descobertas relevantes que possam comprovar ainda mais as relações da música com o processo de desenvolvimento e com a atividade cerebral e os benefícios e contribuições que a música pode proporcionar ao ser humano durante a sua vida.

As pesquisas prosseguem no sentido de podermos responder ainda muitas perguntas feitas sobre esse tema. Quanto mais as neurociências avançam na compreensão sobre o desenvolvimento neuronal e seu funcionamento, mais os profissionais que trabalham com o universo infantil precisam conhecer essas descobertas.

A aproximação desses dois campos - o científico e o educacional, possibilitará a orientação adequada de procedimentos docentes na educação infantil e trará significativos benefícios no processo de desenvolvimento dos alunos.

Referências

ANDRADE, Paulo Estevão, Uma abordagem Evolucionária e neurocientífica da música. *Neurociência e Música* artigo – neurociências vol. 1 nº 1 julho-agosto de 2004 / correspondência: departamento de estudos pedagógicos do ensino fundamental, colégio Criativo, São Paulo - Brasil Disponível em: <http://docslide.com.br/documents/neurociencia-e-musica-artigo.html> acesso em: 25 Junho de 2016.

BEYER, Esther, Os múltiplos caminhos da cognição musical: Algumas reflexões sobre seu desenvolvimento na primeira infância. *Revista da ABEM* > V. 3, N3, (1996)> BEYER. Disponível em: <http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/488> acesso em: 05 Junho de 2016.

BRUM, Evanisa Helena maio, SCHERMANN, Lígia. *Vínculos iniciais e desenvolvimento infantil: abordagem teórica em situação de nascimento de risco*. Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva. Universidade Luterana do Brasil. Canoas RS. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v9n2/20399.pdf> acesso em: 05 Setembro de 2016.

CAETANO, Mônica, Cristina, GOMES, Roberto, Kern. *A importância da música na formação do ser humano em período escolar*, Educação em Revista, Marília, v.13, N.2 p. 71-80, Jul-Dez, 2012. Disponível em: <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/educacaoemrevista/article/view/3288/2548> acesso em: 08 Maio de 2016.

CUERVO, Luciane. Articulações entre Música, Educação e Neurociências: Ideias para o Ensino Superior. In: 7 SIMCAM – Simpósio de Cognição e Artes Musicais, 2011, Brasília. *Anais do 7 SIMCAM*. Brasília: UNB, 2011. Disponível em: http://aprendizagemhumana.pbworks.com/f/Apresenta%C3%A7%C3%A3oSIMCAM7_MUSEDUNEURO_FINAL.pdf acesso em: 28 Outubro de 2016.

DAVIS, Claudia, OLIVEIRA Zilma. *Psicologia na Educação*. Cortez Editora, abril de 2000.

ENDERLE, Carmem. *Psicologia do desenvolvimento: O processo evolutivo da criança* Artes Médicas Editora, Porto Alegre 1990 2ª edição revista.

GRANDELLE, Renato. Crianças que tem aula de música ampliam funções cognitivas para sempre. *Jornal O Globo* on line 2014 disponível em: <http://oglobo.globo.com/sociedade/ciencia/criancas-que-tem-aulas-de-musica-ampliam-funcoes-cognitivas-para-sempre-12921667> acesso em: 28 setembro de 2016.

HUMMES, Julia Maria. Por que é importante o ensino da música na sociedade e na escola. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, V. 11, 17-25, set. 2004. Disponível em:

<http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/343> acesso em: 17 Janeiro de 2016.

IIARI, Beatriz Senoi. Bebês também entendem de música: A percepção e a cognição musical no primeiro ano de vida. *Revista da ABEM* N° 7 setembro de 2002 > V. 10 N. 7 (2002)>ILARI. Disponível em: <http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/435> acesso em: 17 Março de 2016.

MUSZKAT, Mauro, CORREIA, Cleo, CAMPOS M, Música e Neurociências. *Rev. Neurociências* 8(2): 70-75, 2000. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/musicalidade/midioteca/musica-e-neurociencias/musica-e-neurociencias/view> acesso em: 03 Novembro de 2016.

PEDERIVA, Patrícia Lima Martins, TRISTÃO, Rosana Maria. Música e Cognição. *Organização Ciências & Cognição* 2006, vol 09: 83-90 ISSN 1806-5821 publicado on line em 30 de novembro de 2006 Disponível em: <http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/601> acesso em: 15 Setembro de 2016.

PEREIRA E AMARAL, Música pela Música A LEI 11.769/08 e a Educação musical no Brasil. *ETIC* vol. 6, nº 6 (2010): ETIC- encontro de iniciação científica – ISSN 21-76-8498. Disponível em: <http://intertemas.unitoledo.br/revista/index.php/ETIC/article/view/2455/1979> acesso em: 02 Novembro de 2016.

PINTO, Rogério da Silva, A música no processo de desenvolvimento infantil. *Monografia* de final de curso de Licenciatura em música do Instituto Villa Lobos, Centro de Letras e Artes da UNIRIO RJ 2009. Disponível em: <http://www.domain.adm.br/dem/licenciatura/monografia/rogeriopinto.pdf> acesso em: 01 Agosto de 2016

RAPPAPORT, Clara Regina, FIORI, Wagner da Rocha, DAVIS Cláudia. *Psicologia do Desenvolvimento, Teorias do Desenvolvimento Conceitos fundamentais* volume 1. São Paulo, E.P.U, 1981-1982.

RAPPAPORT, Clara Regina, FIORI, Wagner da Rocha, DAVIS, Cláudia. *Psicologia do desenvolvimento, A idade Pré-Escolar* volume 3. São Paulo, E.P.U, 1981.

RECNEI 1998, Brasil. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998. 3v.: il. Volume 1: Introdução; volume 2: Formação pessoal e social; volume 3: Conhecimento de mundo. 1. Educação infantil. 2. Criança em idade pré-escolar. I. Título. CDU 372.3

REIS, Andreia Rezende Garcia, REZENDE, Ullisses Belleigoli, RIBEIRO, Marianna Panisset Pedreira Ferreira, A música e o desenvolvimento infantil: O papel da escola e do educador. *Revista eletrônica da Faculdade Metodista Granbery* ISSN 1981 0377

Curso de pedagogia- N. 12, Jan/Jun 2012, Disponível em: <http://re.granbery.edu.br/artigos/NDY3.pdf> acesso em: 28 Julho de 2016.

RELVAS, Marta Pires. *Neurociência e Educação: Potencialidades dos Gêneros humanos na sala de aula*. 2ª edição / Marta Pires Relvas.-2.ed.-Rio de Janeiro: Wak Ed.,2010 160p.: 21cm.

RIBEIRO, Raimundo Luiz, Inclusão Através do projeto Música no Munin: musicalizando crianças e jovens. *Monografia* (Graduação) – Universidade Federal do Maranhão, Curso de Música, 2012. 1. Educação Musical. 2. Inclusão Musical. I. Título. CDU 78:37 Disponível em: http://musica.ufma.br/ens/tcc/13_ribeiro.pdf acesso em: 27 Outubro de 2016.

BOOGIO, Paulo Sérgio, ROCHA, Viviane Cristina. *A música por uma óptica neurocientífica*. Per musi [online]. 2013, n.27, pp.132-140. ISSN 1517-7599. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-75992013000100012&script=sci_abstract&tlng=pt acesso em : 02 Novembro de 2016.

SANTOS, Laízi da Silva; PARRA, Cláudia Regina. *Música e neurociências inter-relação entre música, emoção, cognição e aprendizagem*. Documento produzido em 07.03.2015 ISSN 1646-6977 Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0853.pdf> acesso: em 27 Outubro de 2016.

SANTOS, Michelle Steiner, XAVIER, Alexandra Silva, Nunes, Ana Ignez Belém Lima. *Psicologia do Desenvolvimento teorias e temas Contemporâneos*. Brasília, liber livro p 21-72, 2009.

SANTOS, Suely, DANTAS, Luiz, OLIVEIRA, Jorge Alberto. *Desenvolvimento motor de crianças, de idosos e de pessoas com transtorno da coordenação*. Depto. Pedagogia do Movimento do Corpo Humano Escola de Educação Física e Esporte /USP Av. Prof. Mello Moraes, 65 05508-900 - São Paulo - SP - BRASIL Disponível em : <http://www.luzimarteixeira.com.br/wp-content/uploads/2010/05/desenvolvimento-motor-e-transtornos-de-coordenacao.pdf> acesso em: Agosto de 2016.

SCHERER, Cledet Assis, DOMINGUES, Analéia. Música e desenvolvimento infantil: reflexões sobre a formação do professor. *IX ANPED SUL Seminário de pesquisa em educação da região sul FECILCAM 2012* Disponível em: <http://www.uces.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/1918/975> acesso em 03 Setembro de 2016.

SILVA, Cilene dos Santos Souza, OLIVEIRA, Renata dos Santos, MOREIRRA, Sthefany, Simone, Silva, desenvolvimento integral da criança: Música na educação infantil de zero a seis anos, Pindamonhangaba- SP: FUNVIC, Fundação Universitária Vida cristã, 2015. *Monografia* (Graduação em pedagogia FUNVIC- SP). Disponível em: <http://docplayer.com.br/10348046-Desenvolvimento-integral-da-crianca-musica-na-educacao-infantil-de-zero-a-seis-anos.html> acesso em: 17 Janeiro de 2016.

SILVA, Juana. A Afetividade como fator de qualidade na educação infantil: Na perspectiva de educadores. Brasília-DF, Universidade de Brasília/Faculdade de educação (Trabalho final de Curso), 2008. Disponível em:

<http://www.boobambu.com.br/site/artigos.asp?texto=true&id=4> acesso em: 20 Setembro de 2016.

SOUZA, Carlos Eduardo; JOLY, Maria Carolina Leme. A importância do ensino musical na educação infantil. Cadernos da Pedagogia. São Carlos, Ano 4 v. 4 n. 7, p. 96 - 110, jan -jun. 2010 ISSN: 1982-4440 Disponível em: <http://www.cadernosdapedagogia.ufscar.br/index.php/cp/article/viewFile/180/106> acesso em: 27 Julho de 2016.

SUBTIL, Maria José Dozza. Mídias, música e escola: práticas musicais e representações sociais de crianças de 9 a 11 anos. Revista da ABEM, Porto Alegre, v. 13, 65-73, set. 2005. Disponível em: <http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/326> acesso em: 13 Agosto de 2016.